



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos | Empresa Editora: Tip. "União Gráfica", T. do Despacho, 16-Lisboa | Administrador: P. António dos Reis | Redacção e Administração: "Seminário de Leiria,"

CRÓNICA DE FÁTIMA

(13 DE DEZEMBRO)

Chegou Dezembro, o mês tradicional do frio, da chuva e da neve, não, como nos demais anos, com o seu cortejo interminável de dias enevoados e tristes, mas cheio de luz, de cor e de alegria, e semelhante aos meses mais tépidos e mais formosos da quadra primaveril.

Por isso, o dia treze foi, sem contestação, entre todos os dias treze de Dezembro, desde a época inolvidável das aparições da augusta Virgem do Rosário, aquele em que o concurso de peregrinos à Cova da Iria assumiu proporções mais grandiosas.

O sol, um lindo sol de Inverno, iluminava e aquecia levemente com os seus formosos raios o recinto maravilhoso dos santuários, convertido pela varinha de condão dum grande Prelado, de charneca árida e estéril, onde só medrava a urze e a azinheira brava, em escrínio riquíssimo de templos, de monumentos e de imagens sagradas.

Já durante a noite precedente, alguns piedosos romeiros, chegados na véspera à tarde, tinham passado a noite nas imediações, uns hospedados no Hotel de Nossa Senhora do Rosário e os outros dentro dos seus automóveis, o que a temperatura do ambiente, por via de regra, só nos meses da quadra estival permite fazer sem prejuízo para a saúde e sem incómodo apreciável.

Com o mês de Novembro findo começou a época menos movimentada mais tranquila do ciclo das peregrinações mensais.

Os fiéis que acorrem a testemunhar à gloriosa Senhora Aparecida a sua filial devoção são em menor número, mas há no seu conjunto mais homogeneidade, a fé é mais viva, a piedade mais ardente, o silêncio mais profundo e o recolhimento mais fácil e por isso mesmo mais intenso.

A torrente humana dos grandes dias da Primavera e do Verão transformou-se, de repente, quasi que por encanto, num rio que corre suavemente e sem ruído, até que, voltando, na roda do tempo, o mês de Maio, que inicia o período comemorativo das aparições, esse rio manso e tranquilo, se converte de novo num Ródano impetuoso, num Nilo trasbordante ou num Amazonas largo e imenso como o mar.

Uma numerosa peregrinação de colegiais

Quem, no dia doze de Dezembro, de manhã cedo, se dirigisse a Fátima pelas estradas que de Leiria ou de Torrões Novas lá conduzem, ficaria agradavelmente surpreendido ao ver numerosos bandos de meninas, alegres e buliçosas, rezando e cantando, em louvor da Virgem.

Eram alguns dos mais acreditados colégios femininos do nosso país que, de comum acórdio, tinham promovido um passeio do seu pessoal, mestras e alunas, ao mais célebre e mais concorrido santuário nacional, — à Lourdes Portuguesa.

Entre outras terras, Anadia, Coimbra e Torrões Novas fizeram-se representar no *rendez-vous* aprazado para o dia doze de Dezembro na Cova da Iria.

Algumas centenas de pessoas, na sua grande maioria crianças entre os oito e os quinze anos de idade, ajoelharam naquele dia aos pés da Virgem para lhe ofertar o singelo tributo da sua gratidão e do seu amor filial, no meio dum sossê-

go e dum recolhimento que não é possível encontrar se não fora dos dias treze.

A alegria das crianças viva e intensa mas comedida nas suas manifestações, o talhe e as cores diversas dos seus uniformes ao mesmo tempo simples e elegantes, a sua piedade sincera e ardente, a ordem e compostura que guardavam em todos os seus actos colectivos, a solicitude verdadeiramente maternal das mestras, tudo punha naquela peregrinação *sui generis* uma nota característica de fervor de mocidade, de exuberância de

ciiais no meio da mais encantadora simplicidade.

Pouco depois, antes que o sol se escondesse por detrás da serra, aquelas almas juvenis iniciaram a viagem do regresso, tristes e saudosas, presas para sempre do encanto portentoso das divinas maravilhas de Fátima.

Os actos oficiais do dia 13

Como já se disse, a concorrência de fiéis à Cova da Iria neste último dia tre-

Santíssima Virgem permitiu viesse a Portugal visitar o seu maravilhoso santuário, para celebrar as suas glórias principalmente nos países de língua alemã, continua a fazer a mais intensa e a mais larga propaganda da Lourdes Portuguesa pela imprensa e por todas as outras formas de apostolado moderno, sob o impulso dum zelo esclarecido e duma dedicação tenaz e incansável.

Para a «Voz da Fátima» enviou expressamente o ilustre professor, em data de 16 de Dezembro, um interessante comu-

Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria teve a bondade de me oferecer. E a primeira vez que Nossa Senhora de Fátima é honrada com este costume verdadeiramente digno de ser imitado. Nós temos razões de bastante peso para expiar os ultrages dos Betlemitas modernos (S. Luc., II, 7) que não querem dar pousada à sua misericordiosa Mãe do Céu nem nas suas casas nem nos seus corações.»

Fátima Madeirense

O jovem missionário rev. Agostinho Vieira, actualmente pároco do Paul, na Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, teve a feliz ideia de fundar junto ao Cabo Girão, na Ilha da Madeira, um pequeno templo a que deu o nome de Ermida da Cruz de Fátima. Eis como o «Correio da Madeira» no seu número de 31 de Outubro, se refere à grandiosa manifestação de fé e piedade que ali se realizou no dia 13 do mesmo mês com a assistência das autoridades e convidados de categoria, tendo à frente a figura respeitada e querida do Governador:

«Uns curtos chuviscos vieram embaciar a manhã rutilante do dia esplendoroso de 13 de Outubro do ano corrente, na nossa querida e formosa Ilha da Madeira.

Eram 7 horas da manhã já a Ermida minúscula e o vasto Adro se encontravam repletos de fiéis.

A pouco e pouco engrossava a onda do povoado, que invadia em avalanches, depois em catadupas, as imediações do Santuário de Fátima na Cruz da Caldeira, limite ocidental da extensa e populosa freguesia de Câmara de Lobos.

As nove horas principiou a Missa, acompanhada a órgão e cânticos.

Comungaram cerca de 200 pessoas, debaixo duma imensa aglomeração de gente. A custo, a muitíssimo custo, rompia-se por entre a multidão compacta; por essa razão inúmeros fiéis ficaram privados de abeirar-se da Sagrada Mesa do Pão Celestial, descido do Céu à Terra.

Decorreram pausadas todas as Cerimónias do Santo Sacrifício da Missa.

As dez horas principiaram as tocantes, emocionantíssimas invocações de Fátima, que terminaram pela bênção dos enfermos, comprimidos no apertão da plebe.



Distribuição, mensal gratuita da Voz da Fátima, no Santuário, nos dias 13

vida e de irradiação de paz e ventura que encantava e comovia em extremo.

As oito horas, pouco depois da chegada dos primeiros grupos de jovens peregrinas, o rev. João Nunes Ferreira, abalado economo do grande Seminário Patriarcal, rezou a santa missa na capela das aparições, administrando o Pão dos Anjos a numerosas pessoas.

As onze horas, o rev. Manuel de Sousa, zeloso e activo Reitor do Santuário, celebrou na igreja da Penitenciaría o santo sacrificio a que assistiram todas as colegiais que no fim ouviram uma breve prática sobre as aparições.

As três horas, na mesma igreja, acompanhadas pelas suas mestras, rezaram em comum o terço do Rosário, ouviram uma prática do rev. Nunes Ferreira e receberam a bênção do Santíssimo.

A procissão que antes da bênção se organizou, partindo do pórtico em direcção à igreja da Penitenciaría, e em que tomaram parte todas as colegiais com os seus lindos e vistosos estandartes, revestiu um brilho e uma imponência espe-

ze do ano foi considerável graças à amenidade do tempo devendo ter contribuído também para esse facto a circunstância de o dia treze ser Domingo.

Durante a manhã, desde as primeiras horas, celebraram-se numerosas missas e administrou-se freqüentes vezes a Sagrada Comunhão nos diversos altares do Santuário. Os homens e os rapazes, em grande número, enchem a igreja da Penitenciaría, esperando pacientemente a sua vez de se aproximarem do Sagrado Tribunal.

Ao meio dia e meia hora, depois de realizada a primeira procissão de Nossa Senhora, rezou-se a missa dos doentes, que eram muito poucos, tendo-lhes sido dada no fim a bênção com o Santíssimo.

Ao Evangelho, na forma do costume, houve sermão, sendo orador o rev. dr. Galamba de Oliveira, ilustre professor no Seminário Episcopal de Leiria.

O grande apóstolo de Fátima rev. dr. Luis Fischer, lente da Universidade de Bamberg, Alemanha, que em boa hora a

nicado, que ela se compraz, com muita satisfação e reconhecimento, em inserir nas suas colunas.

«Na Baviera do Norte, especialmente nas dioceses de Bamberg e de Würzburg, há um formosíssimo e encantador costume no santo tempo litúrgico do Advento. Desde o dia da Imaculada Conceição (8 de Dezembro) ou desde o dia 16 de Dezembro (novena do Natal) até ao dia 24 leva-se uma estátua da Santíssima Virgem cada dia de casa em casa ou de família em família, de maneira que Nossa Senhora «procurando pousada» (S. Luc. II, 7) encontre alojamento para um dia e uma noite. A família que recebe no seu lar essa querida hóspede venera-a e honra-a rezando em comum, cantando e adornando a imagem com velas e flores.

Para cumprir um tão santo costume, no dia 16 de Dezembro veio a minha casa o meu caro amigo rev. João Diember, pároco de Zeil, cidade pouco distante de Bamberg, e vigário da vara, e levou consigo a pequena estátua de Nossa Senhora de Fátima, que Sua Excelência



Ermida da Cruz de Fátima

Viam-se cegos, aleijados, paralíticos, gotosos, diabéticos, tuberculosos, etc. aos quais a Virgem Santíssima lançava um sorriso de bálsamo nas suas almas sofredoras e nos seus corpos doentes.

Bastante comovedora esta scena, que

arrancou lágrimas a muitos corações doridos e fez explodir muitíssimos soluços de fé, contrição e amor.

Bem dita e louvada seja a Virgem Senhora do Rosário de Fátima! — exclamou a multidão em côro uníssono, por três vezes.

Senhora do Rosário de Fátima obtende a cura dos nossos doentinhos! tornou a repetir a multidão, prostrada de joelhos em terra.

Num impulso irresistível de Amor à Virgem Santíssima, o povo irrompeu em côro formidável o cântico tão popular e conhecido do *Salvé Nobre Padroeira*.

As onze horas eram já passadas, quando o povo se acotou à sombra acolhedora dos pinheiros para comer dos seus farnéis, arranjados à pressa em casa antes da partida.

...Entre todos escolhido
Para o povo do Senhor

Estes versos sonoros e harmoniosos ecoavam como tímpanos, constantemente, nos nossos ouvidos, enlevados de tanta fé e entusiasmo religioso.

Outro grupo recomeçava:

—Oh! glória da Nossa Terra
Que tens salvado mil vezes...

Inesquecíveis momentos passados junto à Ermidinha humilde e singela de Nossa Senhora de Fátima...

...Enquanto houver portugueses
Tu serás o seu amor!

Depois rompe um côro de vozes argentinas:

No cimo do Pico
Alveja branquinha,
A Ermida de Fátima
Tôda galantinha.

Respondem todos:

Avé, Avé, Avé Maria.

Indescritível o entusiasmo que se apoderou de todos os corações e o enlévo que entermeceu tôdas as almas quando, à hora exacta do meio dia solar, saíu da Ermida em Procissão a Imagem da Senhora do Rosário.

Aquela hora solene perfaiza catorze anos certos que a Celeste Aparição se revelou aos três rudes e inocentes videntes de Fátima, na Sagrada Estância da Cova da Iria.

Muito a custo seguiu a procissão, entre cantos e rezas, devido à grandíssima aglomeração de povo e à estreiteza do caminho. Durou uma hora no curto percurso de cerca dum quilómetro.

A cena que mais empolgou a massa compacta dos crentes foi o sentido acenar dos lenços, qual bando alado de pombas brancas, em despedida à Virgem, que entrou recolhida na sua linda capela, depois de a circundar, levada em triunfo pelo povo que chorava, rezava e cantava:

Um terno adeus de Saudade
Te dão hoje os filhos teus;
Adeus, ó Mãe de Bondade,
Rainha do Céu, adeus!

A tarde do dia 13 de Outubro foi de cânticos e preces, em honra da Senhora do Rosário, da Bem dita Mãe de Jesus.

Visconde de Montelo

N.ª SENHORA DA FÁTIMA EM CABO VERDE

De «O Missionário Católico» transcrevemos com a devida vénia a seguinte carta dirigida pelo Rev.º P.º Lucas Machado a um seu colega.

«A minha última carta fachaava com a notícia dos preparativos de uma festa em honra de Nossa Senhora da Fátima, e hoje venho dar-lhe algumas notas do que se passou, que certamente alegrarão os numerosos devotos daí. Tivemos uma deslumbrante procissão das velas no dia 13 de Maio, e era tal a concorrência do povo, tão grande o entusiasmo, e tamanha a devoção e piedade dos assistentes, que eu cheguei a ter a impressão de que estava na Cova da Iria! Concorrência, pompa, brilhantismo e entusiasmo, nada faltou.

Nunca esperei tanto nem melhor. Foi simplesmente admirável e comovedor.

Como preparação desta festa realizou-se um tríduo, que foi sempre muito concorrido. Chegado o dia 13, logo de manhã a Igreja regorgitava de fiéis, a tal ponto que, à hora da missa, muita gente ficou de fora, por falta de lugar. Eram 9 horas quando começou a festa solene, tendo sido distribuída a comunhão a numerosas pessoas devidamente preparadas. O altar de Nossa Senhora estava um primor. No fim da missa cantada fiz uma prática adequada, e logo então pude ver pela comção e pelas lágrimas dos assistentes, entre os quais se viam as pessoas gradas da cidade, que esta festa tinha caído admiravelmente no ânimo de todos. O gupo de cantôres já muito numeroso, acompanhado a órgão, deu, como sempre, um realce extraordinário à festa.

As 9 horas da noite começou a desfilar pelas ruas da cidade a procissão das velas, empunhadas por milhares de pessoas, dentro de balões e copos de papel de côr. Dentro em breve aquela multidão enorme, computada em 10.000 pessoas, espalhava-se pelas ruas do percurso, comunicando-se, continuamente, um tal entusiasmo e ardor nos cânticos, que, dir-se-ia, tôdas as classes sociais da terra queriam primar em mostrar a sua devoção a Nossa Senhora da Fátima. Para maior realce, o andor em que era levada a linda imagem, (de que junto uma fotografia), iluminado a luz eléctrica, por meio dum bateria especial, era de um

que abrazia as almas de todos. Belo e surpreendente espectáculo! Levantámos vivas à Religião Católica, a S. Santidade, ao Prelado Diocesano, à Pátria portuguesa e ao bom povo de Cabo Verde, que foram delirantemente correspondidos. Bateram as 11 horas e ainda se cantava o «Avé, Salvé nobre Padroeira» etc... mas cantava tôda a gente, professores e estudantes do Liceu, Doutores, gente humilde e pessoas de maior representação; o «frisson» da fé, e a grandeza do espectáculo tiveram o condão de não deixar uma alma indiferente.

Esta expansão de amor a Nossa Senhora prolongou-se até à meia noite, que foi



Nossa Senhora de Fátima no seu lindo andor

efeito surpreendente, atraindo por isso os olhares embevecidos de tôda a gente. Quatro devotos rapazes ofereceram o andor, que lhes custou 700\$00, e a Virgem resplandecente de luz parecia sorrir para a multidão como a estrela da manhã no meio das trevas da noite, que é esta vida. Um côro forte e numeroso, de homens, rapazes, senhoras e meninas, previamente ensaiadas cantavam os hinos, «Avé de Lourdes e Sobre os ramos d'Azinhavor» e outros, alternados com a reza do Terço. Chegados à praça em frente da Igreja, subi ao corêto da música, transformado em púlpito, e dali, recitado o «Deus seja bendito» e cantado o «Credo» pelos cantores que estavam a meu lado, falei com ardor e satisfação ao maior auditório da minha vida sobre o motivo daquela jornada gloriosa. Do púlpito senti, ainda mais viva, a impressão de estar na Cova da Iria deante daquele «amara magnum» de gente, e do tremular dos milhares de velas que mais pareciam um lago de fogo agitado de contínuo pela fé

quando a procissão deu entrada na Igreja. No fim todos se olhavam admirados e surpreendidos deste verdadeiro milagre de fé em S. Vicente, comentando cada um a seu modo este facto extraordinário. Foi realmente uma apoteose à Religião e à Virgem Santíssima, e como tal, mais uma prova do milagre, incontestado das Aparições da Cova da Iria. Aqui, os mesmos indiferentes ficaram subjugados e comovidos perante a grandeza da manifestação e com a piedade e ordem que nela reinou. Portugal é verdadeiramente a terra de Santa Maria, e por isso Ela nos guarda e defende dos seus inimigos. Não me admiro pois de duas notícias, que agora me chegam e aqui deixo como remate desta carta: o centro espirita fechou, e o Pastor protestante, que aqui estava há muito, retirou para a Inglaterra... Ajude-me a honrar a SS. Virgem, e a pedir-lhe as suas bênçãos para este bom povo, e creia-me todo seu in C. J.

P.º Lucas Machado

DA MISSÃO DE N.ª SENHORA DA FÁTIMA, DA GANDA

Com a devida vénia transcrevemos aqui uma carta do Rev.º P.º José Breitenstein, dirigida ao Rev.º P.º Figueiredo, e publicada nas «Missões de Angola e Congo» n.º de Dezembro de 1931.

Caro P.º Figueiredo

«A Deus sejam dadas muitas graças, que a nossa Boa Mãe do Rosário da Fátima, continua-nos as suas bênçãos.

Entre vários benefícios, de que somos devedores a tão excelsa Rainha e Senhora, conta-se o seguinte que nos fez subir aos olhos lágrimas de agradecimento: A Confraria de Nossa Senhora da Fátima ofereceu-nos um harmonio para a nossa capela. Com tôda a franqueza, agradecemos muito, mas contávamos com esta ajuda da nossa Padroeira. Quere crer que não me atrapalham as dificuldades? Digo à Senhora da Fátima, que esta Missão é dela. E sempre me tem valido. Como não tenho tempo para longos artigos (não é assunto que me falta, pode crer), aqui lhe resumo só o número das comunhões. De 1 de Julho de 1930 a 1 de Julho de 1931 distribuímos 20.168 comunhões (é bom notar que estamos numa missão fundada em 1927), sendo 290 pri-

meiras comunhões. Acabo de passar quatro semanas fora, em excursão apostólica, e distribuí umas 600. Vá lá mais outra notícia: A festa de Nossa Senhora de Fátima foi muito linda.

Deu-nos 75 novos cristãos, que fizeram logo a seguir a primeira comunhão. Durante a minha última viagem baptizei mais 42 adultos, sendo esta cerimónia precedida de retiro na escola rural.

Fundaram-se mais 20 escolas novas. Tôdas as libatas (aldeias) dos vimbundos querem ter a sua escola; a maioria da gente nova (rapazes e raparigas de 12 a 25 anos) querem ser cristãos. Entre outros, tive a felicidade de administrar o baptismo a dois velhos de mais de 50 anos, os quais encontrei muito bem preparados e respondendo às diferentes perguntas do catecismo, como talvez o não pudesse fazer muita gente na Europa, apesar de nascida e criada no meio de cristãos, e onde nada falta para se chegar ao conhecimento das verdades eternas. Um destes velhos todo se ufanava por ver ao seu lado, baptizada também, ao mesmo tempo que ele, a mulher, com quem casara, nem ele sabe dizer há que tempo. São sinais dos tempos. Se houvesse por aí velhas revistas, em português e como muitas figuras, como seria por exemplo, a Almanaque de Santo António ou outros semelhantes, e se encontrasse quem os quizesse mandar para a Missão da Ganda... Olhe diga-lhes que não tem que se enganar. Basta irem

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Sofrimento no coração

Em Março deste ano, encontrava-se minha esposa gravemente enferma, passando as noites sentada numa cadeira, sem poder descansar por lhe faltar a respiração, devido aos graves sofrimentos cardíacos acompanhados de horribes crises que quasi lhe faziam parar o coração. Os médicos julgavam a doente perdida e afirmavam que o desenlace era inevitável, pois naquelas condições a vida era impossível. Nesta conjuntura e já sem esperanças na medicina implorei o auxilio de Nossa Senhora da Fátima. Prometi-lhe uma visita de agradecimento na sua capelinha e uma pequenina oferta, caso me cedesse a graça que implorava, e a publicação da sua misericórdia.

De facto, poucos dias volvidos, minha esposa principiou a melhorar e hoje passa bem apesar dos seus 73 anos. Devo pois as suas melhoras a Nossa Senhora da Fátima por cujo motivo, com o maior prazer venho hoje dar publico testemunho.

S. Vicente de Pereira.

José Maria da Fonseca

Bronco-pneumonia

António Alexandre, casado, de 67 anos, de Vila Cova, concelho de Ceia, deseja tornar pública a seguinte graça que a Virgem Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou. No dia 20 de Abril do corrente ano, adoeci gravemente. Chamado o médico Sr. Doutor Ferrão, declarou ser uma bronco-pneumonia. Empregou todos os meios para destruir tão terrível doença, e não lhe foi possível, pois o meu mal chegou ao maior extremo, a ponto de o médico declarar que não havia esperança de melhoras. Na noite de 29 para 30 do mesmo mês, rezam-me o officio da agonia, preparam-me a mortalha e arrumaram uma sala para ser para lá conduzido logo que expirasse.

Mas eu, assistido pela Virgem Mãe de Deus, Senhora da Fátima, em quem todo o meu pensamento se concentrava, pedi às pessoas que me tratavam com todo o carinho, um copo de água de Nossa Senhora da Fátima, que elas também com muita fé tinham já ido buscar e então uma delas chegou-me aos lábios uma pequena colher de água. Eu bebi parte dela, e disse que queria beber o resto. Imediatamente comeci a cantar a Avé Maria, e depois disse que me dessem mais água e elas imediatamente me sentaram na cama e estando a segurarem-me como sempre, a conselho do médico, eu disse que me deixassem e fiquei sozinho, sentado, como se tivesse saúde, peguei no copo de água da Fátima e disse que se retirassem para eu ver bem a claridade que penetrava na meu quarto. Tôdas as pessoas obedeceram e eu rapidamente levei o copo à altura da vista e da luz e disse com satisfação e a voz clara: ai que linda! Cheguei o copo aos lábios e bebi tôda a água. Tôdas as pessoas presentes disseram umas para as outras: Já não morre. As minhas melhoras foram aumentando, e hoje sinto-me bem, é a Virgem Nossa Senhora da Fátima que eu devo a minha vida. De parte do que fica dito tenho eu plena lembrança e a outra parte contaram-me as pessoas que trataram de mim.

Agradecendo a publicação do que fica exposto subscrevo-me

António Alexandre

Pleurisia

Por considerar uma graça extraordinária o que comigo se passou e que vou relatar, muito grata lhe ficarei se publicar no seu jornalzinho o seguinte:

«Adoeçi; o que tinha não sabia explicar. Dores nos pulmões e um estado de grande fraqueza geral levaram-me a supôr que estaria tuberculosa. Fui observada por sete médicos cujos nomes não cito porque lhes não pedí autorização para o fazer. Todos disseram a mesma coisa. Uma pleurisia estava declarada. Quiseram obrigar-me a entrar num hospital para fazer operação imediata. Estremeci... Horrорisei-me ao pensar num hospital, e eis que me lembro da «Salus infirmorum». Voltei-me para ela com tôda a confiança e comêço uma novena à Senhora da Fátima. Acabada a novena achava-me restabelecida. Para provas concludentes procurei novamente, os mé-

dois que confirmaram a cura. Estava realmente curada apresentando apenas os sinais interiores de que em mim tinha havido uma pleurisia.

dois que confirmaram a cura. Estava realmente curada apresentando apenas os sinais interiores de que em mim tinha havido uma pleurisia.

Por uma tão grande graça recebida venho assim publicamente agradecer à Virgem Santíssima, para sua maior honra e glória.

Consuelo Alvares Rodrigues

Rua da Caes do Tojo 14-1.º (Conde Barão) Lisboa.

Doença na boca

Peço o favor de publicar na Voz da Fátima uma grande graça que pelas mãos de Nossa Senhora da Fátima, recebeu minha filha Gormecinda Fernandes. Esta criança chegou a um estado horrendo, — caíram-lhe não só todos os dentes da maxila inferior, mas até o próprio osso dentário!

Graças a Nossa Senhora vive sem dores, o que agradecemos com o maior contentamento.

Joaquim Fernandes Bugalho

Serra de Santos — Brasil.

Tumor aderente ao osso

Venho pedir-lhe o favor de publicar na Voz da Fátima, o favor seguinte que recebi de Nossa Senhora. Minha mulher — Luisa Silva Gomes esteve gravissimamente doente. Dois médicos esforçaram-se por lhe debelar o mal, mas por fim, vendo que a doença era resistente declararam a medicina impotente perante doença tão grave. Uma operação seria o único remédio, mas no sitio onde se encontrava o tumor era quasi impossível fazê-la. A doente esteve nove meses sem comer absolutamente nada e dêsses, um mês nada bebeu também, sendo alimentada apenas por injeções! Em estado tão desesperado voltámo-nos para Nossa Senhora da Fátima a quem fizemos muitas promessas, que apesar da nossa indignidade foram ouvidas. Já fomos a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça que nos alcançou, porque embora minha mulher esteja ainda muito fraca, considera-se já livre do terrível mal. Fez a viagem de ida e volta de Vila de Rei e Fátima, de camionete, sem sentir abalo apesar da sua fraqueza. Rendo, pois, graças infinitas a Nossa Senhora pelo grande favor que nos alcançou.

Joaquim de Matos Gomes

Relva, Vila de Rei.

Angina diftérica

Venho agradecer à Santíssima Virgem do Rosário da Fátima a grande graça que me fez concedendo a vida a minha



Menina Maria Otilia Ferreira

filha Maria Otilia Ferreira de 4 anos de idade.

Estava ausente em Castelões, Beira-Alta, no dia 31 de Agosto quando foi atacada com o garrotinho, chegando a estar na agonia, e dizendo o médico «estar por momentos».

Nestes transe prometi publicar no jornal da Fátima, a graça da cura de minha filha se a Virgem Nossa Senhora lha concedesse. Momentos depois, com

o correio e remeterem com a seguinte direcção: — Angola. — P. Superior da Missão Católica da Ganda

por Lobito — Ganda.

É o que de mais simples uma pessoa pode imaginar. Também receberia da melhor vontade, e com muito reconhecimento, santinhos, com os dizeres no verso em português. Teem-me chegado da minha terra, mas com palavras em fran-

cês, ou em alemão e os nossos pretinhos não os percebem.

Daqui a três dias, se Deus quizer, torno a sair e tenciono visitar as escolas rurais de Balombo e Bocoio, que parecem andar ao desafio, qual se mostrará melhor.

Recomendo tôdas estas obras às ferrosas orações dos amigos das missões.

P.º José Breitenstein

grande admiração de todos, a criança via-se como que reviver a pouco e pouco!

Por esse motivo venho cumprir o meu voto, e juntamente agradecer outra graça de restabelecimento de outro meu filho, que há anos vinha sofrendo.

Rua das Flores 281. Porto.

Teodora Pinto Ferreira

Atestado

Carlos Luís Gonzaga Braga Real, Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Facultativo Municipal do Partido do Campo de Besteiros — Tondela. Atesto que pelas dezasseis horas do dia 30 de Agosto de 1931 foram reclamados os meus serviços clínicos para a menina Maria Otília Ferreira de 4 anos de idade, residente acidentalmente em Falarco, onde constatei ser portadora duma angina diftérica, que se tinha já declarado no dia anterior mas a que a Família não ligou importância julgando ser uma angina banal, em consequência do estado adiantado da doença e do estado da doente já cianosada, falta de conhecimento do mundo exterior, etc. fiz-lhe uma aplicação de 30 centímetros cúbicos de soro antidiftérico, coramina 1/2 c. cúbico, mas com poucas esperanças no resultado da terapêutica, às dezasseis horas voltei a ver a doente o estado mantinha-se na mesma, estando mais cianosada e as falsas membranas aumentadas em superfície, nova aplicação de 20 cc. de soro. No dia seguinte de manhã o estado da criança agravou-se; repito a terapêutica da véspera e aguardo os resultados, com toda a esperança de salvação perdida, às 15 horas como o estado da criança se mantivesse peor repeti mais 10 cc. de soro e dispuz a Família para o desenlace que esperava dar-se e fatal e a pouco mais duma hora, pois a cianose era enorme, o estado respiratório na mesma, o pulso fraquinho havendo uma tiragem enorme.

Com grande admiração minha e de todos os que assistiam àquele quadro horrível, pelas 15 horas e 30 minutos, vemos a criança começar a reanimar-se e pelas 19 horas estava completamente boa, só bastante cansada e com sono. Hoje está perfeitamente boa, tendo eu atribuído esta quasi ressurreição à virtude que Nossa Senhora de Fátima lançou na minha terapêutica em consequência dos pedidos que à Virgem todos os presentes faziam.

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino.

Campo de Besteiros, 24 de Setembro de 1931

Carlos Luís Gonzaga Braga Real

Anemia

Humildemente peço a fineza de publicar no jornal a «Voz da Fátima» a graça que de Nosso Senhor recebi por intercessão de sua Mãe Maria Santíssima.

Maria Nogueira Coelho, solteira, de 32 anos, da freguesia de São Martinho de Lagares, Penafiel, declaro que, adoecendo no ano de 1927 com fraqueza geral, seguida de hemoptises frequentes e muito abundantes, cheguei em breve espaço, a um tal estado de prostração, que me impossibilitava o menor movimento, chegando por vezes a julgar terminada a minha existência na terra. Outra coisa não esperava minha família e todas as pessoas que me visitavam, inclusive o Rev. Pároco que, por vezes me administrou os Santos Sacramentos. Com muita fé em Nossa Senhora, no leito, me contavam os prodígios maravilhosos que por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, se operavam no lugar da sua aparição. Tendo resolvido o digno pároco organizar uma peregrinação a Fátima, desde logo senti intenso desejo de nela me incorporar. A dificuldade, porém, estava em suportar a longa viagem até lá, em camionete (há dois anos que não saía da cama), pois convencida estava que uma vez lá, e aos pés de Nossa Senhora da Fátima, a minha cura seria uma realidade. Organizou-se essa peregrinação em Setembro de 1929. Nela tomei parte, fiz-me acompanhar do atestado médico, que entreguei a quem de direito. Ali fiquei hospitalizada do dia 12 para o dia 13 do dito mês. Passei a noite muito mal sem alimentação alguma, por não poder recebê-la.

Assisti à missa e bênção dos enfermos, com grande dificuldade. Recebida a bênção do Santíssimo Sacramento, pareceu-me recuperar algumas forças. Comecei a comer, sabendo-me bem os alimentos que me deram, e já na tarde desse dia, sem custo algum ou fadiga, percorri todo esse largo espaço destinado às manifestações de Fé a Nossa Senhora.

No regresso suportei a viagem admiravelmente; dia a dia sentia mais forças, mais apetite, terminando as hemoptises até hoje, graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Enfim, julgo-me e sinto-me completamente curada. Propositadamente, e a conselho do meu pároco, demorei este relato, para melhor se acentuar a minha cura. Passados já dois anos, sentindo-me cada vez mais forte, voltando aos meus afazeres quotidianos, fazendo caminhadas (nem à minha igreja pude ir durante dois anos). Obtida a declaração do ilus-

tre facultativo, que me tratou durante essa longa doença e com o assentimento do meu pároco que sempre me acompanhou e tudo testemunhou, interessando-se muito pela minha cura, ingrata seria se publicamente não viesse render as minhas homenagens e a minha gratidão de filha submissa de Maria, que o sou, a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Maria Nogueira Coelho

(Segue a declaração do médico)

Eu abaixo assinado, médico-cirurgião do Porto, atesto e juro que Maria Nogueira Coelho, solteira, de trinta e dois anos de idade, natural e residente na freguesia de Lagares, concelho de Penafiel, tendo sofrido de hemoptises durante dois anos, desde junho de 1927 até maio de 1929, se encontra desde então completamente curada, o que por ser verdade atesto e juro.

Font' Arcada, 10 de outubro de 1931.

Aloysio José Moreira

Pneumonia

Peço-lhe encarecidamente a publicação desta carta nas colunas do seu jornal para que, sendo lido o seu conteúdo, seja conhecida do público mais uma das grandes graças que a todas as horas a Virgem Santíssima nos dispensa.

Minha irmã, Maria da Glória Ferreira, em janeiro do corrente ano foi atacada por uma paratifoide e por uma pneumonia, elevando-se a febre a 40 graus, e durante cinco dias permaneceu coberta de gelo e já sem haver esperanças de a salvar daquelas terríveis doenças.

Foi então que recorri à Virgem Santíssima da Fátima pedindo-lhe que me dispensasse esta graça e que a mandaria publicar no seu jornal. Nessa altura, após a entrada da doente no Hospital Walter Bensaude, começou a entrar em convalescença e continuou dia a dia a ficar melhor, e graças à Virgem Santíssima está perfeitamente bem. Cumpre-me agora agradecer reconhecidíssima à Virgem tão grande graça que julgo ser devida à sua intercessão.

Horta, 15 de Outubro.

Margarida do Rosário Ferreira e Silva

Nevralgia, pleuresia e tifo

Albina Pereira Valente sofreu durante 4 anos a princípio de pleuresia algo sanguinea e por fim de tifo em que durante dois meses apenas se alimentou da farmácia sobretudo a injeções.

Resignada no meio do sofrimento com que a doença tanto a martirizou, falava da morte contente, a sorrir, porque após ela, dizia, «vou para o céu» e resava com a irmã todos os dias o terço do rosário a Nossa Senhora da Fátima.

Carregada de febre, sem se alimentar há dois meses, já com os últimos sacramentos e julgada de todos perdida, pois que lentamente lhe desapareciam os sentidos e arroxavam as pontas dos dedos, pede água de Fátima que bebe com muita fé e acompanha com o pensamento a irmã que junto do seu leito resa o terço do rosário. Não comia há dois meses; e depois de beber a água da Fátima tem vontade de comer e pede que lhe tragam. Come contra o preceito do médico e o alimento nunca lhe fez mal; lentamente readquiriu a saúde que fervorosamente pedira e pede à Mãe do céu. Hoje, completamente de saúde, muito grata a Nossa Senhora da Fátima a quem atribui a saúde, torna pública, em cumprimento dum voto, a graça da sua cura com que a Mãe do céu lhe dera a saúde e a vida.

Tordilho,

Albina Pereira Valente

Pleuresia purulenta

No ano de 1928, nos princípios de março, adoeceu uma afluída minha, Amada Maria de Lourdes Nunes.

Durou a doença mais de um mês, no fim do qual, o médico declarou tratar-se de uma pleuresia purulenta que só por meio de uma operação poderia ser curada. Sujeitou-se a ela no mês de Abril seguinte, mas continuou sempre mal, sendo preciso fazer nova operação.

Eu então lembrei-me de Nossa Senhora da Fátima, arranjei um pouco da sua água que levei ao hospital e disse a sua mãe e família que fizessem uma novena a Nossa Senhora, e que todos os dias nessa ocasião lhe dessem a beber um pouquinho daquela água de devoção, que tinha fé que Nossa Senhora da Fátima havia de curar a doente.

E, assim aconteceu; em pouco mais de um mês ficou restabelecida de todo!

Não mandei publicar esta graça há mais tempo, conforme tinha prometido, porque me diziam que ela não ficaria como tinha sido, mas que havia de ficar com algum defeito. Não aconteceu, porém assim. Hoje tem 7 anos, está de saúde perfeita, forte e esperta como era antes da doença, por isso rendo muitas graças a Nossa Senhora da Fátima por tão grande benefício recebido.

Francisca Nunes do Couto

Ilha Terceira — Açores.

Angina Pectoris

Maria Ferreira Leandro e Irene Ferreira Coelho.

Tendo nosso pai sido atacado de doença súbita angina pectoris, chamamos o médico que nos desenganou. Afritas recorremos imediatamente à Santíssima Virgem oferecendo-lhe as nossas orações e prometendo publicar esta graça o que hoje fazemos. Nosso pai encontra-se bem, continúa nos seus trabalhos e dá grandes passeios sem que se canse. Mais uma vez prestamos os nossos reconhecimentos à Santíssima Virgem.

Lavre.

Maria Ferreira Leandro e Irene Ferreira Coelho.

Agradecimento

Encontrava-se minha bis-tia, Ana Luísa Dias, de Valdeu, Vila-Verde, doentíssima já havia muitos dias. A doença avançava dia a dia. Como ela tinha 87 anos esperávamos já o desenlace fatal. Nem remédios nem orações a melhoravam...

Entretanto parece entrar em agonia!... Tòda a família desanimou e já chorava aquela que tanto amava.

Eu lembrei-me da minha Mãe do céu que nunca me tem desamparado nos difíceis transe da vida e voltei-me de joelhos para Fátima, prometendo publicar a cura de minha tão querida bis-tia se ela lhe fosse concedida. Fui atendido. Minutos passados, entro no aposento onde ela se encontrava e disse: «voltem-se para Fátima»... Ela principiava a falar, a rir-se e daí a dois dias estava completamente bem!... Agradeço-vos, Mãe Santíssima, o favor concedido, continui a rogar por nós que recorremos sempre a Vós.

Braga

J. Amadeu Dias

Graças diversas

Maria Rodrigues, de Berçô Lagaça, agradece a Nossa Senhora uma graça que obteve por sua intercessão.

Inês de M. Sequeira e Coelho, de Pondá, Índia, agradece a cura duma pessoa de suas relações, vítima dum ataque de paralisia.

Deodato A. Cabral de Melo, Seminário de Angra, diz o seguinte: — Cheio de gratidão venho publicamente agradecer à Rainha de Portugal, Nossa Senhora da Fátima, uma graça particular que se dignou alcançá-la para este seu indigno servo.

Joana V. Neves de Oliveira Menezes, R. do Breyner, Porto, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu.

Maria Fonseca Godoy-Campinas — Brasília, agradece uma graça que por Nossa Senhora alcançou e que muito estimou alcançar.

Emilia Mendes — Gaia, agradece a cura dum sofrimento que há 4 anos a tormentava. Rebelde à medicina, desapareceu com a intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Gertrudes da Conceição Martins, dos Casais do Vale Bemfeito, agradece a cura dum atroz sofrimento que tinha nos rins. Atribue a cura à água de Nossa Senhora da Fátima.

Francisco da Silva Costa, de S. Tiago de Estarreja, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe restituído a saúde que, devido a uma queda, havia perdido há muito tempo. No 3.º dia, depois que começou a pedir o auxílio de Nossa Senhora, sentiu-se capaz de retomar os seus trabalhos.

24 de dezembro de 1931.

P.º Manuel de Souza

Confraria de N.ª S.ª da Fátima

Mais uma vez vimos perante os leitores deste jornal, e duma maneira especial perante os membros da Confraria de Nossa Senhora da Fátima, apresentar as contas do rendimento dos anais no ano de 1931 próximo passado.

Durante o ano de 1931 o rendimento total foi de 5.402\$65.

Com as correspondências relativas à mesma confraria foram gastos 42\$00, ficando livre um total de 5.360\$65. Ora, segundo o artigo 4.º dos estatutos da mesma Confraria, o lucro total deve ser dividido em duas partes iguais, uma das quais será aplicada no culto de Nossa Senhora da Fátima, e a outra em Missas celebradas por todos os confrades vivos e defuntos, cujos anuais tenham sido satisfeitos.

Foi o que se fez; — foram entregues para serem gastos no culto de Nossa Senhora da Fátima 2.680\$32 e com igual quantia foram celebradas 432 missas, dez das quais foram por alguns confrades retinidos, e as restantes por todos os confrades vivos e defuntos.

Tão grande riqueza espiritual deve-se à fé e generosidade dos bons confrades, mas também ao zelo dos Snrs. Colectores e Colectoras a quem publicamente se agradecem todos os trabalhos e talvez desgostos, — quasi sempre a única recompensa que neste mundo alcançam os que trabalham pelo bem das almas.

O bom Jesus Sacramentado, descendo 432 vezes ao altar com as mãos cheias de graças, tê-las-á espalhado abundante-

mente no coração de todos os confrades da sua querida Mãe a Virgem Senhora da Fátima, graças que, um dia, no céu perante todos os eleitos serão trocadas por glórias e gozos que não mais acabarão.

Esperamos em Deus e na Virgem Maria, que daqui a um ano se poderá anunciar que foi celebrado um número de Missas mais elevado do que o deste ano.

Não ficou em caixa dinheiro absolutamente algum pois que a Confraria não quer as esmolas de seus confrades se não para as mudar em graças em benefício de suas próprias almas.

24 de dezembro de 1931.

Movimento religioso no Santuário de Fátima Ano de 1931

13 de janeiro — Missas 22. Comunhões cerca de 1.200. Comunhões nos outros dias, 528. Comunhões em todo o mês, 1.728.

13 de fevereiro — Missas 18. Comunhões cerca de 900. Comunhões nos outros dias, 561. Comunhões em todo o mês, 1.461.

13 de março — Missas 15. Comunhões cerca de 1.200.

25 de março — Missas 10. Comunhões cerca de 1.000. Comunhões nos outros dias, 505. Comunhões em todo o mês, 2.705.

13 de abril — Missas 12. Comunhões cerca de 2.000. Comunhões nos outros dias, 856. Comunhões em todo o mês 2.856.

12 de maio — Comunhões cerca de 1.600.

13 de maio — Missas 250. Comunhões cerca de 32.000. Comunhões nos outros dias, 1.135. Comunhões em todo o mês, 34.735.

12 de junho — Comunhões cerca de 300.

13 de junho — Missas 15 — Comunhões cerca de 7.000.

21 de junho — Missas 12. Comunhões cerca de 1.000. Comunhões nos outros dias, 814. Comunhões em todo o mês 9.114.

13 de julho — Missas 32 — Comunhões cerca de 8.000. Comunhões nos outros dias, 1.324. Comunhões em todo o mês, 9.324.

13 de agosto, Comunhões cerca de 10.000. Comunhões nos outros dias, 866. Comunhões em todo o mês 10.866.

13 de setembro — Comunhões cerca de 9.000.

14 de setembro — Comunhões cerca de 200. Comunhões nos outros dias, 539. Comunhões em todo o mês, 9.739.

11 de outubro — Comunhões cerca de 400.

12 de outubro — Comunhões cerca de 900.

13 de outubro — Comunhões cerca de 13.000.

14 de outubro — Comunhões 308. Comunhões dos outros dias, 827. Comunhões em todo o mês 15.435.

13 de novembro — Comunhões cerca de 900. Comunhões nos outros dias 695. Comunhões em todo o mês, 1.595.

13 de dezembro — Comunhões cerca de 1.600. Comunhões nos outros dias até 24. 492. Comunhões no mês de Dezembro (até 24) 2.092. Número total das Comunhões no ano, 101.650.

24 de dezembro de 1931.

Movimento de doentes no Santuário de Fátima Ano de 1931

Em 13 de janeiro foram observados 16 doentes. Não traziam atestados Médicos.

Em 13 de fevereiro foram examinados 11 doentes. Não traziam atestados Médicos.

Em 13 de março foram examinados 13 doentes. Não traziam atestados médicos.

Em 13 de abril foram examinados 58 doentes. 4 traziam atestados médicos.

Em 13 de maio foram examinados 274 doentes. 53 traziam atestados médicos.

Em 13 de junho foram examinados 128 doentes. 6 traziam atestados médicos.

Em 13 de julho foram examinados 143 doentes. 22 traziam atestados médicos.

Em 13 de agosto foram examinados 135 doentes. 11 traziam atestados médicos.

Em 13 de setembro foram examinados 139 doentes. Não traziam atestados médicos.

Em 13 de outubro foram examinados 129 doentes. 13 traziam atestados médicos.

Em 13 de novembro foram examinados 17 doentes. Não traziam atestados médicos.

Em 13 de dezembro foram examinados 25 doentes. Não traziam atestados médicos.

Foram pois examinados durante todo

o ano 1.151 doentes dos quais 109 traziam atestados de seus médicos assistentes.

No dia 13 de Maio prestaram serviços no Albergue 25 médicos.

Quanto aos outros dias 13 não existe nota alguma dos médicos que hajam prestado serviços.

RESPONDENDO

Porque é que tantas pessoas não têm religião?

Porquê? São fáceis de encontrar os motivos. Haverá quem se desculpe com a falta de tempo e outros não terão a liberdade precisa para a praticar. O maior número não pratica a religião porque a desconhecem. Ignoram as verdades, as provas e até a necessidade da religião e ninguém pode desejar o que desconhece.

E uma triste verdade que muita gente ignora as verdades da religião. Nada mais fácil de verificar.

Que é que o povo sabe destas coisas? Quasi nada. Aprendeu-se (quando se aprendeu) alguma coisa até aos doze anos. Aos quinze já cada um tomou o seu lugar na fábrica ou na oficina. Aos vinte, serviço militar. Vem depois o casamento com as consequentes necessidades do pão de cada dia. Nesta altura quasi tudo está esquecido e entre cem operários ou aldeões apenas haverá meia dúzia que conserve uns restos de catecismo.

E as classes médias? Não vão mais além, se é que atingem a altura do simples povo.

Encontram-se industriais e comerciantes inteligentes, médicos habéis, homens experimentados em negócios, administradores muito seguros e competentes. Em geral a sua sciencia religiosa, se existe, é rudimentaríssima.

A um destes que um dia se poz a discutir religião houve quem replicasse: Olhe, meu amigo, para se falar duma sciencia é preciso conhecê-la. Conhece a religião? Sabe as suas verdades elementares? Sabe dizer-me quais são os seus principais mistérios? Pode recitar-me os doze artigos do credo?

Balbuçou umas coisas ininteligíveis e queria prosseguir na discussão. «Não, não, meu amigo, estude e mais tarde veremos.»

E as classes cultas? Bem pouco sabem as vezes.

Não é difícil que um professor da universidade ou de qualquer escola superior saiba menos de religião do que qualquer humilde pessoa do povo, completamente analfabeta.

Falando dos seus colegas, o ilustre sábio Chevreul dizia:

«São, em geral, excelentes pessoas, gente cheia de espirito, sábios notáveis na sua especialidade mas que supina ignorância em tudo que diz respeito a Deus! E difícil imaginar até onde ela chega!»

Muitos homens ignoram as provas da religião.

— La Harpe, convertido à religião depois de longos anos de incredulidade, dizia a seus camaradas: «Comecei a crer porque examinei; examinei como eu e creerei também.» Ora, entre os que não praticam a religião quantos ha que não a examinaram ou examinaram mal!

Não estudam. São incredulos sem saber porque. Nem seriam capazes de justificar a sua incredulidade.

Esta religião tão magnifica nas suas promessas, tão pura na sua moral, tão fecunda em virtude, tão potente sobre o coração dos povos que ela sucessivamente vem chamando a si... esta religião tão admirável pela sua extensão que abraça o mundo e pela sua imobil duração no meio das revoluções humanas... esta religião tão imponente pelo número e qualidade dos seus adeptos... merece-lhes um interesse muito secundário.

Os seus partidários representam o que em vinte séculos tem havido de mais eminente no génio como na virtude, de mais extraordinário pelo saber e pelo talento de mais exigente nas provas... isto não lhes merece atenção.

Não vale nada para eles a opinião de tão sublimes espiritos.

«Que ignorância a sua (exclama Bossuet)!... pensam ter visto melhor as dificuldades a cujo peso sucumbem e pelas quais os outros passaram sem fazer caso!»

Não, não viram nada, nem perceberam nada... E se realmente tinham dificuldades deviam procurar resolvê-las, interrogando e estudando.

Os ministros da religião são os seus doutores e interpretes autorizados. Nas questões espinhosas das leis, dirigimo-nos a um juriconsulto: nas sciencias

naturais ouvimos os sábios que lhes penetraram os segredos; em assuntos agrícolas, industriais ou militares, interrogamos os agrónomos, os engenheiros os oficiais.

Em todas as controversias a última palavra pertence às capacidades e às competências e, se eu quero mostrar que tenho juízo, não vou mandar fazer uma porta a um alfaiate mas a um carpinteiro.

Ora, em assunto de religião, há quem se dispense desta regra elementar, desdenhando das luzes, do saber e da direcção dos ministros da religião.

Se consultam alguém, com quem vão eles ter? com qualquer livro frívolo que dá gracinhas em vez de razões, — com qualquer camarada imbecil que procura na descrença a justificação da sua conduta, — com um palrador qualquer que de tudo fala sem nada saber.

O que é verdade é que entre cem pessoas estranhas à vida cristã, mais de noventa e cinco não estudaram a religião ou a examinaram muito superficialmente, tendo dito lá para si mesmos: «A religião é exigente de mais. Impõe muitos deveres e sacrifícios. Deve ser rejeitada. E será ela necessária, não se poderá viver sem ela? Fulano e fulano fazem-no. Não poderei eu fazer o mesmo?» E assim se passa a vida fazendo como tanta gente sem nunca se inquietarem com a solução dum problema tão sério.

Muitos nunca chegaram a perceber que a religião é necessária. Necessária ao indivíduo, à família, à sociedade. Ela é uma muralha de defesa e é uma fonte.

Uma muralha contra a invasão do mal que nos ameaça e contra essa onda de sensualismo que vai manchar até a candura das crianças. Uns ventos de independência e insubordinação impelem a juventude.

Os caracteres amolecem, os crimes... são um pavor. A população diminui. A luta entre as classes é cada vez mais aguda. A febre do ouro e dos prazeres excita febrilmente todos os cérebros. Posto isto, eu desafio quem quer que seja a que ponha um dique a este transbordar de paixões que não seja dentro dos princípios religiosos.

Mas a religião é também uma fonte viva que produz a virtude, a probidade, a união, a paz, a felicidade pública.

Se, correndo de todas as partes sobre este solo invisível que se chama a alma duma nação, ela forma como que a corrente geral, tudo caminha bem. Se esta fonte sagrada baixa e, sobretudo, se seca, tudo caminha mal, tudo vacila, tudo morre.

O céu tem ainda o seu azul, os seus raios e as suas claridades, a terra conserva ainda a sua primitiva fecundidade, as montanhas estão ainda de pé em toda a sua magestade, as mesmas ondas veem bater contra as mesmas praias, as mesmas brisas fazem ondear as searas, as muralhas das cidades estão ainda intactas, a raça transmite ainda, com o sangue, os seus sinais característicos, a língua tem ainda a mesma harmonia... mas a alma do povo deixou de palpitar como antigamente. A fonte secou, as tradições sagradas e as crenças augustas morreram e diante da nossa vista temos apenas as aparências e o cadáver de um povo. Isto é evidente.

No entanto muitos homens não veem isto, não compreendem a importância nem a necessidade da vida religiosa, nem para eles nem para a nação.

Fogem e ninguém os vê nos templos, nem nas festas solenes, nas grandes assembleias religiosas, não dando assim exemplo da sua fé actuante, opondo a vista das suas crenças santas às conjurações do inferno.

Assistem apenas como expectadores, à grande batalha do bem e do mal, como um habitué dos teatros vendo desenrolar-se diante de si as peripécias do drama ou o movimento dos actores. Quando muito lançarão sobre as nossas ruínas sociais e religiosas uns estêreis e passageiros gemidos. Se alguém os importuna e adverte do perigo, encolhem os hombros e... deixam-se afogar.

Ora esta abstenção não prova nada. A noite é a noite e ela não diz que o dia não seja o dia. Por muito numerosas que sejam as pessoas que não praticam a religião porque a não conhecem, isto em nada invalida as razões dos que a conhecem e praticam. A incredulidade de muitos funda-se na ignorância. Não tem, pois valor.

Quantas vezes não opdem à religião argumentos tam estúpidos como este: «Para que me hei-de ir confessar? Seria preciso ter cometido pecados e eu não os tenho».

«Senhor, responde um sacerdote, há duas qualidades de pessoas que não pecam: os que não chegaram ainda ao

uso de razão ou os que já a perderam.» Quasi sempre uns cegos os descrentes.

Cuide cada um, dentro das suas possibilidades, de fazer cessar esta cegueira, procurando com as suas palavras e sobretudo com os seus exemplos, fazer um pouco de luz em volta de si.

Façamos-lhes ver que a religião e a sociedade são solidárias e que os perigos duma ameaçam também a outra.

Uma palavra dita a propósito, a leitura dum bom livro podem abrir largas clareiras, discipando muitas trevas, trazendo conforto a tantas almas que só esperam alguém que as guie..

VOZ DA FATIMA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Despesas (Transporte, Papel, etc.) and Donativos desde 15\$00 (Maria Augusta de Oliveira, António da C. Ruivo, etc.).

Maria Augusta de Oliveira — Soure, 20\$00; António da C. Ruivo — Porto, 20\$00; José Gonçalves Duarte — Viana do Castelo, 20\$00; Afonso de Albuquerque — Lisboa, 15\$00; Aida de Figueiredo — Feira, 15\$00; José Urbano de Andrade — Açores, 50\$00; Francisco da Silva — Beira Baixa, 15\$00; Distribuição em Vila Nova de Fozcoã, 60\$00; José de Sá Couto — França, 22\$40; Clara Monteiro — Pombal, 20\$00; Maria do Carmo — Pombal, 20\$00; Nicolau de Almeida — Covilhã, 20\$00; Rosa da Cruz — Curia, 15\$00; Maria da Costa Martins — Mamadeiro, 20\$00; António Pereira Rosa — Brasil, 20\$00; Augusta Nogueira — S. Mamede, 15\$00; Maria Assunção — Funchal, 25\$00; Rosalina Gorges — Cascais, 15\$00; José Cardoso — Douro, 20\$00; António Inácio Henriques — Lourinhã, 40\$00; Assinantes de S. Cruz — Madeira, 141\$50; Dr. Joaquim Mendes — Lousada, 20\$00; P.º Hermão Mendes — Lousada, 20\$00; Maximina Brás — R. de Monsaraz, 20\$00; João Lopes — Vizela, 15\$00; Maria Júlia Ferreira — Pórtio, 20\$00; Esmola no Pórtio, 20\$00; José Correia de Sá — Ermida, 20\$00; Brites Alves — Setúbal, 15\$00; Padre Francisco Fernandes — Póvoa de Varzim, 60\$00; António Fonseca — Dice-France, 15\$00; Júlio António — Macau, 100\$00; Maria da Encarnação — Arm. de Pera, 25\$00; Joaquina da Cunha — Mau, 28\$00; José João Nunes — Beira-Africa, 15\$00; Benta Madeira — Evora, 20\$00; Maria Carlota — Fundão, 20\$00; Maria Urbana — Alf. da Fé, 20\$00; Emília Augusta — Vila Nova de Ceira, 30\$00; Maria Almeida — Mirandela, 20\$00; Maria da Conceição — Açores, 20\$00; Dr. Manuel Rocha, 30\$00; Maria de Faria — Açores, 20\$00; M.ª da Silva — Barcelos, 180\$00; Francisco Rodrigues — Açores — 15\$00; P.º José Pinho — S. M. de Infesta, 20\$00; P.º Joaquim da Rocha — Infesta, 15\$00; Inácio Moura — Lisboa, 20\$00; Ana Cardoso — Estremoz, 30\$00; Manuel Martins — Brasil, 15\$00; José dos Santos — Brasil, 15\$00; Ana Candida — Brasil, 15\$00; Manuel Duarte — Brasil, 15\$00; Maria J. Pereira — Beira Alta, 20\$00; Francisco Fernandes — S. Tiago, 20\$00; Maria Emília — Mangualde, 20\$00; Maria Leal — Vila Nova de Famalicão, 20\$00; José Dias — S. Paulo-Brasil, 15\$00; José dos Reis — Brasil, 15\$00; Manuel de Assis — Evora, 15\$00; P.º João Mascarenhas — Algarve, 50\$00; Margarida da Silva — Cascais, 20\$00; Artemisia Cunha — Sabugo, 20\$00; Emília Augusta — F. do Zézere, 50\$00; Adelaide de Melo — Santarém, 20\$00; João Ferreira — Braga, 100\$00; P.º Francisco Lucas — Fuzeta, 112\$40; Isaura Nunes — Ribatejo, 15\$00; Fr. Bruno de Lima — Espanha, 62\$50; Maria Dolorosa — Coimbra, 20\$00; Elvira Falcão — Douro, 50\$00; Maria Isabel Russo — Alpiarça, 25\$00; P.º José Augusto — S. Pedro de Alva, 50\$00; Isabel Sousa — Lousada, 25\$00; Albano Costa — Bragança, 20\$00; Natália Canêdo — Vouzela, 20\$00; Francisco Boléo — Coimbra, 15\$00; Padre António dos Santos — Ericeira, 50\$00; Maria Fernandes — Lisboa, 100\$00; Joseph Fraga — América, 31\$10; Esmola de Fátima, 62\$65; António Dias — Lisboa, 20\$00; Olinda Eugénia — Porto, 20\$00; Maria da Cunha — Lisboa, 15\$00; Elvira do C. de Jesus — Cadaval, 20\$00; Elisa Rios — Estremoz, 60\$00; Francisco Vargas — Santarém, 15\$00; Maria Alzira — Penafiel, 40\$00; José da Rocha — Viana do Castelo, 20\$00; José Fernandes — S. Marta, 15\$00; Distribuição em Viana do Castelo, 95\$00; Manuel da Silva — Figueira da Foz, 20\$00; Maria Silva — Sertã, 81\$00; Directora do Hospital de Alpedrinha, 115\$00; Maria Henriques — Funchal, 20\$00; Elvira de Sousa — Lisboa, 40\$00; Maria Matos — Lisboa, 66\$00; Igreja de Belém — Lisboa, 216\$30; Sancha da Conceição — Lourenço Marques, 20\$00; Ber-

FATIMA A PROVA

A frieza do clero

No artigo precedente vimos a atitude do pároco de Fátima ao tempo das aparições.

As vezes há porém certos feitios que só estão bem na oposição, que tudo vêem ao invés dos outros deixando-se tomar do espírito de contradição...

Quem sabe, pensará alguém, quem sabe se o antigo prior de Fátima não era um desses feitios?...

Era possível que ele procedesse assim sem contudo ter consigo o clero das redondezas

Possível era sem dúvida. Mas como do poder ser ao ser, vai sua diferença, não se afirmará que foi assim sem para isso haver argumentos suficientes.

Ora esses argumentos faltam em absoluto.

Há porém argumentos muito sólidos para afirmar o contrário.

Senão vejamos qual foi a atitude do clero da vigararia de Ourém a que Fátima e o seu prior pertencem.

O Vigário da Vara

Presidia então à vigararia de Ourém o Rev.º Sr. P.º Faustino José Jacinto Ferreira, prior do Olival.

Figura distinta dos velhos tempos, o P.º Faustino entrava com o mesmo à vontade e cercado da mesma simpatia na corte, no Paço Patriarcal e no mais humilde casebre da sua freguesia.

Trabalhadas com o seu labor apostólico, tinha visto surgir muitas gerações e dos padres que então pastoreavam as freguesias da vigararia, a muitos dirigira-lhes ele os primeiros passos no caminho do santuário.

O clero formava ali uma como grande família, cujo chefe, não por simples disposição da autoridade, mas por eleição de amizade, reverência e estima, era o P.º Faustino.

Todos confiavam plenamente nele: determinação que tomasse, bastava ser sua para ser acatada e a sua opinião seguida sempre com respeito e amor.

Era para eles mestre, modelo e amigo.

Basta lembrar as grandes reuniões do clero na sua residência do Olival, para se ter disso as, mais inequívocas provas.

Que a sua figura se destacava entre o clero paroquial prova-o facto de ter sido escolhido para o primeiro grupo de consultas diocesanas.

De rara memória e inteligência perspicaz, conhecia de nome cada um dos seus quasi 7.000 paroquianos e tinha sempre presentes as várias circunstâncias da sua vida física, moral, civil ou religiosa.

A virtude excedia no P.º Faustino os dons da natureza.

A notável piedade, a devoção a Nossa Senhora e às almas do Purgatório, o zelo pela casa de Deus e pelo esplendor do culto divino fizeram dele a honra da sua terra e o idolo do seu povo.

Por isso é que na mudança de instituições ou pouco depois por 1911 quando os jacobinos locais quiseram afrontar a religião católica não tiveram melhor meio do que enxovalhar a venerando figura do Prior do Olival conservando-o preso por umas horas nos calaboiços da sede da Comarca.

Era grande o seu conhecimento das coisas e dos homens, e sabia dar tempo ao tempo.

Foi por isso um dos escolhidos pelo Sr. Bispo de Leiria para fazer parte da grande comissão encarregada de averiguar o que se passava na Fátima e de formar o respectivo processo.

Não quis Nosso Senhor dar-lhe cá na terra a consolação de ver terminados os trabalhos dessa comissão pois o chamou à Sua Santa Glória a 10 de Julho de 1924.

A sua atitude em face dos acontecimentos da Fátima encontra-se espelhada na do Rev. Prior, que

nardo Fernandes — Lourenço Marques, 20\$00; António de Sousa — Lourenço Marques, 20\$00; Armando da Costa — Lourenço Marques, 15\$00; Lourenço Fernandes — Lourenço Marques, 15\$00; Benedito de Sousa — Lourenço Marques, 15\$00; João de Sousa — Lourenço Marques, 15\$; Inês Pinto — Lourenço Marques, 15\$00;

êle fomentava, animava e apoiava. Mas podemos vê-lo mais claramente ainda.

O «Ouriense».

Publicava-se ao tempo em V. Nova de Ourém com o nome de «Ouriense», com o sub-título de «Boletim do concelho de Vila Nova de Ourém» um pequeno jornal de propaganda religiosa.

A primeira aparição dera-se em Maio, a segunda em Junho e a terceira em Julho. Pois passa-se Maio e Junho e só no número de 29 de Julho vem a primeira referência.

Referência entusiástica e apaixonada? Era natural se tudo aquilo fosse obra do clero...

Ora a noticia vem toda numa pequena local em metade da primeira coluna da 4.ª página.

Desejamos reproduzi-la na integra dada a autoridade especialissima do jornalzinho — órgão do vigário e do clero da vigararia.

«Real Aparição ou suposta... ilusão Fátima»

Esta freguesia experimentou no passado dia 13 o espectáculo mais maravilhoso e comovente, que a imaginação podia idealizar.

Quererá a Rainha dos Anjos fazer desta freguesia uma segunda Lourdes?... Ah! Quem o merecera?!

A Deus e à Virgem Mãe não é impossível.

Não foi possível fazer o cálculo aproximado do número de pessoas que vieram à distância de tantas léguas, desde o humilde pastorinho, rude lavrador, aos que fazem agradáveis passeios em velozes automóveis para tomarem fé de alguma prova de tão propaganda Aparição de N. Senhora a 3. crianças desta freguesia.

(3.ª vez 13-7-1917).

Todas as pessoas ou, pelo menos a maior parte, ficaram satisfeitas só em verem a maneira como as crianças se apresentaram e falaram — perguntando... pedindo... e esperando tempo de resposta sem que mais ninguém as ouvisse.

Isto — dizem, pois não fui testemunha — na presença, segundo os diversos cálculos, de 800, de 1.000, de muito mais de 1.000 e de mais de 2.000 pessoas que no mais admirável dos silêncios ora rezavam, ora suplicavam, ora choravam; por último foi necessário que almas piedosas, para livrarem as crianças de confusos interrogatórios e de graves incómodos que poderiam ter no meio de tão grande multidão, pegassem nelas e as metessem em automóvel e as afastassem a distância de 2 e meio quilómetros para junto da igreja onde foram fotografadas.

Foi simplesmente admirável, por ora mais nada digo.»

Até aqui o «Ouriense» com uma tal economia de espaço e de pormenores como o faria qualquer jornal neutro da época.

Não se pode, na verdade, dizer que a dois meses e tal da primeira aparição, e já após a terceira o cronista esteja apaixonado pelo que escreve!

Era assim que o clero do Arciprestado falava pelo seu órgão oficial de larga difusão no concelho.

Quando me ponho a pensar nesta admirável atitude e reflito que não havia entre os seus membros nem grandes teólogos nem profunda cultura fico convencido de que junto a uma prudência singular e a um notabilíssimo bom senso também havia sobre aqueles padres uma especial acção do Espírito Santo.

Não se pode com efeito atribuir só a dotes naturais esta placidez e fleugmática tranquillidade de espírito com que assistem ao mais extraordinário dos fenómenos do seu século.

Com o Prior o restante clero da Vigararia procurava estudar, inquirir, certificar-se.

Parecia terem-se deixado tomar de certo feito inquisitorial.

A este respeito quero aduzir aqui parte do depoimento do Ex.º Sr. Dr. Carlos de Azevedo Mendes folha 1, verso, linha 18 e seguintes que nos tráz muita luz.

Era na 1.ª sexta-feira de Agosto de 1917.

O depoente viera em passeio até à Fátima e quisera ouvir a opinião do Rev.º Clero ali reunido para

Maria Santana — Lourenço Marques, 15\$; Rosada de Sousa — Lourenço Marques, 15\$00; Paulo Pinto — Lourenço Marques, 15\$00; Esmolas de Lourenço Marques, 24\$00; Maria do Carmo — Pórtio, 25\$00; Esmola de Matacães — Tôrres Vedras, 50\$00; Igreja do S. S. Coração de Jesus — Lisboa, 26\$00.

confissões no tríduo de preparação para a festa do S. Coração de Jesus.

Conversou largamente e dessa conversa entre outras coisas que refere, diz:

«Lembro-me mesmo que um dos Rev.ºs Padres cujo nome não conservo, me disse — «no meu interrogatório fiz de policia, procurei por muitas vezes atrapalhá-las mas mantiveram sempre as suas afirmações.»

Nem se tratava de meros inquiridos frios como os oficiais em que friamente se pergunta e friamente se redige a resposta do interrogado.

Nem também de habilidosas perguntas lançadas à maneira de rede para apanhar a vítima.

Ancioso por descobrir a fraude ou a ilusão passavam até, talvez, um pouco além dos justos limites que deante de uma criança de 10 anos é necessário respeitar.

O zelo do bom nome da Igreja empresta a alguns destes Sacerdotes um certo calor que demonstram, sobretudo, nos interrogatórios.

A onze anos de distância quando já o Senhor chamou a Si parte destes Sacerdotes apraz focar nestas linhas essa nobre atitude de amor à verdade.

É Lúcia, a vidente mais velha, que, na sua linguagem simples de serrana nos vai pintar a tintas fortes o quadro em que revivem essas venerandas figuras de padres e no centro o vulto impreciso e indefinido da própria vidente.

Depois da aparição de Junho «fui visitada por muitas pessoas, e entre elas alguns Sacerdotes que me apertaram com perguntas e me ralharam muito, dizendo-me pessoas da minha família que eu mentia e a minha Mãe chegou a bater-me com o cabo de uma vassoura»

(Interrogatório oficial de Lúcia de Jesus, feito em 8 de Julho de 1924 pag. 3 — linhas 2.ª e seguintes.

Vigário da Vara, pároco de Fátima e restante clero da Vigararia seguem pois a mesma norma sem esmorecimentos e sem excepções.

Não parece que durante as aparições nem nos primeiros tempos depois o clero da Vigararia que mais devia exultar com os sucessos se destacasse entre o doutros centros...

Muito pelo contrário!

Um Observador

AVISOS

I

A Voz de Fátima é distribuída gratuitamente na Cova da Iria todos os dias 13. Ninguém deve levar para a mesma casa mais do que um jornal. Levá-los para embrulhos seria um roubo feito às esmolas de Nossa Senhora. As pessoas que de lá levam róllos deles não dêem mais do que um a cada família, poque dizendo todos as mesmas coisas seria um desperdício louco dar um ao pai, outro à mãe e outro a cada filho. São dados gratuitamente mas agradece-se muito qualquer esmola porque as despesas são todos os meses de alguns contos.

II

Nos dias de Carnaval haverá no Santuário da Fátima um turno de Exercícios Espirituais destinados aos Servitas e aos membros masculinos das Conferências de S. Vicente de Paula, podendo ser amitados outros homens se houver lugar.

Os exercícios começam no dia 6 de Fevereiro à noite e terminam no dia 10 de manhã com a imposição das cinzas.

Quem desejar ser inscrito deve, até ao fim de Janeiro, dar o seu nome e morada ao Sr. Dr. Carlos Mendes — Torres Novas, ou ao Sr. Reitor do Santuário da Fátima, ou ao Sr. P.º António dos Reis — Seminário de Leiria.

Uma lágrima de arrependimento basta para aplacar o Coração de Jesus.

Santo Afonso

Este número foi vizado pela Comissão de Censura.